

## **A dissolução de um problema em psicanálise é difícil**

*Por Rodrigo Augusto Suárez Abreu – psicanalista e membro analista praticante da Associação Campinense de Psicanálise*

Ao ler o texto do meu colega e amigo João José R. L. Almeida, intitulado: “Toda dissolução de um problema em psicanálise é simples”, imaginei que ele, quando fala da simplicidade da dissolução de um problema em psicanálise, a esteja considerando do ponto de vista apenas teórico. Mas, em primeiro lugar, gostaria de deixar claro que divido esse mesmo ponto de vista teórico que meu colega! Mas me senti aqui compelido a dar meu testemunho de que, se de um lado é perfeitamente simples a dissolução de um problema pela ótica teórica, de outro lado, o da clínica, torna-se um enorme desafio para o psicanalista. Isso porque, ao escutar a queixa do paciente em sofrimento, não é nada difícil perceber que ele quer que enxerguemos por ele quais são os seus problemas, e que digamos a ele qual caminho a seguir para sua resolução. Dito de outro modo, ele não está disposto a enxergar nada por ele! O paciente supõe (sujeito-suposto-saber) que o analista saiba literalmente “dizê-lo ou traduzi-lo” assim como um dicionário traduz uma palavra. Me lembro agora de um comentário que fiz numa supervisão: “Mas eles (os pacientes) acham que escutar verdadeiramente é falar (dizer algo sobre eles no sentido de pensar e concluir por eles)!” , que deixou-me claro exatamente esse lugar em que somos colocados na transferência enquanto analistas. Mas aí é que entra a ética da psicanálise, já magistralmente citada por Almeida, que nos impede de entrar nesse jogo “proposto” – ainda que inconscientemente - pelo paciente, para fazermos com que ele aprenda a jogar o jogo com a lógica psicanalítica! Mas, para isso, temos que nos deslocar na transferência do imaginário (sujeito-suposto-saber) para o simbólico (num saber que não se sabe – o do inconsciente, sempre aberto a outros sentidos!) buscando o real: o sentido dos atos do paciente! Contudo, isso está bem longe de ser simples. Não é fácil fazê-lo sair do jogo de sua “prisão formal” para entrar no da psicanálise mas, se ele conseguir, garanto, por experiência própria, que ela (a psicanálise) pode até não curá-lo da cegueira mas ao menos o fará enxergá-la, passando o paciente, então, a ter de assumir as conseqüências dessa nova visão sobre si mesmo, o que já é uma cura para nós psicanalistas, pois, como diz a psicanalista carioca Denise Maurano, “não podemos mudar a direção dos ventos

mas podemos mudar a posição das velas”, em seu livro intitulado: “Pra que serve a psicanálise?”

Afinal, não é sempre que conseguimos intervir com uma palavra que “rasga a janela da prisão” do paciente. Quando a conseguimos e se a conseguimos, só nos damos conta disso *a posteriori*, sempre, pois, quando intervimos, intervimos no discurso que escutamos e que sabemos, pela nossa experiência, que ele pode revelar talvez um sentido inconsciente do paciente, mas numa dimensão que ele só poderá assumir quando escutar com os seus próprios ouvidos a sua própria fal(h)a, ou seja, quando puderem se escutarem e concluírem por eles mesmos um sentido para aquilo que o faz sofrer.

E isso é o que torna tão difícil ser psicanalista, pois na clínica, o psicanalista experimenta a capacidade de despojamento que ele tem de si mesmo, de seus valores, de preconceitos, através dos resultados ressubjetivantes ou não de suas intervenções para com seus pacientes.

É muito difícil o analista se fazer de instrumento para que o paciente possa se escutar naquilo que o faz sofrer, porque para o paciente parece não haver a possibilidade de um outro sentido que não aquele em que ele está “aprisionado na linguagem”. O analista tem que saber se deslocar na própria linguagem, para sempre relançar o discurso do paciente, ou seja, para conduzir-se ao já tão conhecido lugar (pelos lacanianos!) do objeto causa do desejo do analisando e, através desse lugar dinâmico, possa interpretar na transferência com uma palavra que cause uma abertura de sua “janela da prisão” e que, por essa palavra mesma, ***“...ele saiba tudo o que não sabe, sabendo-o contudo. O inconsciente é isso. Para o psicanalista, o conteúdo latente é a interpretação que vai fazer, na medida que esta não é aquele saber que descobrimos no sujeito, mas o que se lhe acrescenta para dar-lhe um sentido.”*** Lacan, sem.XII, pág.106.

A dissolução de um problema em psicanálise é simples, mas a aplicação desta é mais do que um desafio, é a difícil tarefa de botar à prova o desejo de analista, que deve estar em conformidade com a ética da teoria psicanalítica, no caso, lacaniana. As leituras, as supervisões e a análise pessoal – tripé de formação do analista – são, além de onerosas, extremamente penosas para a pessoa do analista já que, também, o coloca, todo o tempo, em contato com a sua própria maneira de gozar.

Mas vale cada preço!